

FACULDADE SÃO FRANCISCO DE ASSIS
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Rejane Neves Martins

**Orientação Profissional para adolescentes:
desafios e possibilidades**

Porto Alegre

2019

Rejane Neves Martins

**Orientação Profissional para adolescentes:
desafios e possibilidades**

Artigo apresentado à Faculdade São Francisco de Assis, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Letícia Horn Oliveira

Porto Alegre

2019

RESUMO

O objetivo deste estudo é investigar, a partir da revisão bibliográfica de cunho exploratório, quais os principais desafios e possibilidades de um jovem em fase de escolha profissional. Suas maiores dificuldades estão em: autoconhecimento, identificações com o grupo familiar, medo, insegurança e a necessidade de atender as expectativas do meio em que vive. A Orientação Profissional (OP) serve não para dar a solução mágica, ou para mostrar a profissão exata no qual o indivíduo deverá seguir, e sim fazer com que as pessoas identifiquem “quem sou eu” para saber “quem eu serei”.

Palavras-chave: Orientação profissional. Projeto profissional. Escolha de carreira.

ABSTRACT

The aim of this study is to investigate, from the bibliographic review of exploratory nature the main challenges and possibilities of a young person in the stage of professional choices. Their great difficulties are in self-knowledge, identifications with the family group, fear, insecurity and the necessity to attend to expectations of the environment in which they live. Professional Counseling (OP) is not to given the magic solution, or to show the exact profession that the person should follow, but a process of identifying "who I am" to know "who I will be."

Keywords: Professional orientation. Professional design. Career choice.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as dificuldades e possibilidades dos jovens na escolha de sua carreira profissional e a importância da Orientação Profissional na vida dos indivíduos, por meio de uma revisão conceitual de literatura.

Sabemos que a adolescência é uma fase na vida de um indivíduo onde ocorrem grandes transformações de forma geral. As mais evidentes são: mudanças corporais devido às alterações hormonais, descoberta de sua identidade, integração em grupos de suas escolhas e também onde começam a assumir responsabilidades para posteriormente, poderem definir seu futuro de forma permanente.

Entre suas várias escolhas, a definição por uma carreira profissional é a decisão que causa mais angústia e ansiedade, além deste jovem sofrer grandes cobranças e influências não somente familiares, mas também do seu meio social. A escolha da profissão é importante para estabelecer não somente seus projetos profissionais, mas também proporcionar grandes benefícios à vida pessoal. É uma decisão difícil, pois nem sempre essas escolhas são realizadas conforme uma identificação pessoal ou autorrealização, e sim pela posição de status ou a busca por melhores salários.

Segundo Soares (2009) o jovem percebe a complexidade do mundo do trabalho e das inúmeras profissões existentes por sentir-se inseguro e indeciso mediante o futuro, sem saber qual caminho a seguir. Essa dificuldade também é percebida pelos jovens adultos já formados, quando percebem que o melhor emprego será sempre um desafio e não são consideradas as consequências das escolhas.

Neste caso, eles acabam partindo em busca de várias especializações na tentativa de buscar melhor posição no mercado de trabalho, desconsiderando sua satisfação pessoal. Tomar uma decisão não é uma tarefa fácil, o que deveria ser feito diante disso seria avaliar os prós e contras de cada possibilidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A Orientação Profissional surgiu na Europa no início do século XX, com objetivo de aumentar a eficiência industrial. No ano de 1902 foi criado o Centro de Orientação Profissional de Munique, onde a ideia inicial era detectar os trabalhadores que poderiam ou não realizar determinadas tarefas, evitando assim os acidentes de trabalho. (CARVALHO, 1995 apud SPARTA, 2003).

De acordo com Sparta (2003), o início da Orientação Profissional encontra-se entre os anos de 1907 e 1909, período que foi criado o primeiro Centro de Orientação Profissional Norte Americano o “*Vocational Bureau of Boston*”, juntamente com a publicação do livro “*Choosing a Vocation*”, realizados por Frank Parsons. A autora relata que Parsons em seu livro, acrescentou as ideias de Orientação Vocacional à Psicologia e Pedagogia, mostrando preocupação com as escolhas dos jovens de seu país, destacando três importantes passos a serem seguidos: analisar as características do indivíduo, analisar características das ocupações e por fim, realizar o cruzamento destas informações. Parsons era engajado na luta pelos direitos humanos, tinha ideias progressistas e acreditava que a escolha profissional era fundamental para promoção humana e social.

Realizando o trabalho desta forma, era possível promover o autoconhecimento e conhecer um pouco mais do perfil profissional dos indivíduos. Sua meta era manter “a pessoa certa no lugar certo”.

Segundo Brown e Brooks (1996) apud Sparta (2003, p. 2):

Nas décadas de 1920 e 1930, a Psicologia Diferencial e a Psicometria passaram a influenciar fortemente a prática da Orientação Profissional, o que se deu devido ao grande desenvolvimento dos testes de inteligência, aptidões, habilidades, interesses e personalidade durante as Primeira e Segunda Guerras Mundiais.

Naquele momento ainda não havia sido criada uma teoria que embasasse a prática da Orientação Profissional, no qual se adequasse o homem à profissão, identificado como “Teoria do Traço e Fator”.

Sparta (2006) descreve que o modelo do Traço e Fator, foi criado nos Estados Unidos, pelo americano Frank Parsons em 1907, através do primeiro Centro de Orientação Profissional. Esta teoria não tinha preocupação com o processo da escolha, e sim o objetivo de conter a análise das características do orientando,

análise das características das ocupações e a síntese das características individuais e ocupacionais. A ideia desta teoria é de que um indivíduo possua uma série de características onde sob avaliação com uso de testes, os resultados possam apontar alguma adequação e possível aptidão para determinadas áreas profissionais específicas.

As importantes mudanças desta prática começaram a ocorrer a partir de 1942, através da publicação do livro “Counseling and Psychotherapy: Newer Concepts In Practice”, escrito por Carl Rogers.

De acordo com Sparta (2003, p. 2):

Neste livro, Rogers (1942) lançou as bases de sua Terapia Centrada no Cliente, que aproxima os conceitos de Psicoterapia e Aconselhamento Psicológico e valoriza a participação do cliente no processo de intervenção, que passa a ser não-diretivo. As ideias de Rogers influenciaram enormemente a Psicologia, a Psicoterapia, o Aconselhamento Psicológico e a Orientação Profissional da época, tendo sido um importante marco de transformação das práticas de Orientação Profissional.

Conforme Brown e Brooks (1996) apud Sparta (2003), na década de 50 começaram a surgir teorias sobre a escolha profissional, onde foi publicado o livro “Occupational Choice” de Ginzberg, Ginsburg, Axelrad e Herma, no qual trouxe a primeira Teoria do Desenvolvimento Vocacional. Segundo Soler (2015), outra teorização foi publicada em 1952, com “Teoria do Desenvolvimento Vocacional” por Donald Super, definindo a escolha profissional como um processo que ocorre ao longo da vida, passando por vários estágios, falando mais sobre o Desenvolvimento Vocacional. Essa teoria menciona sobre as várias escolhas feitas pelo sujeito ao longo de sua existência, podendo assim contrariar algumas escolhas anteriores, classificando-as como “re-escolhas”.

A Orientação Profissional brasileira tem origem em 1924, onde o engenheiro suíço Roberto Mange criou o Serviço de Seleção e Orientação Profissional para os alunos do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. Conforme Carvalho (1995) apud Sparta (2003), a Orientação Profissional no Brasil surgiu com vínculo à Psicologia Aplicada, junto a Medicina, a educação e a Organização do Trabalho. Entre as décadas de 30 e 40 a Orientação Profissional ligou-se a educação por iniciativa de Lourenço Filho em 1934, onde foi introduzida no Serviço de Educação do Estado de São Paulo. No ano de 1942, foi estabelecida a atividade de Orientação Educacional,

atribuindo ao ensino secundário o auxílio na escolha dos estudantes, sob a Lei Capanema.

De acordo com Freitas (1973) apud Sparta (2003), foi na da Fundação Getúlio Vargas (1944), no Rio de Janeiro, que surgiram estudos sobre a Organização Racional do Trabalho e a influência da Psicologia. Nos anos seguintes a Fundação juntamente com auxílio do governo brasileiro, criou o curso de Seleção, Orientação e Readaptação Profissional, no qual era ministrado pelo Psicólogo e Psiquiatra espanhol Emílio Mira y López, com objetivo de formar técnicos brasileiros nesta área.

Para Scheffer (1966) apud Sparta (2003, p. 4):

Na década de 1960, as mudanças ocorridas na Orientação Profissional e as críticas à Teoria do Traço e Fator, que despontavam no ambiente internacional desde a década de 1940, eram conhecidas no Brasil. No entanto, a mudança de paradigma da Orientação Profissional brasileira seguiu um caminho diverso e se baseou em referenciais teóricos próprios.

A partir da década de 1970 é que a Estratégia Clínica de Orientação Vocacional foi influenciada pela Psicanálise, através do psicólogo argentino Rodolfo Bohoslavsky (1977), no qual foi o grande idealizador deste processo grupal e que deu origem ao modelo brasileiro. Modelo este que continua sendo usado para desenvolver trabalhos teóricos e práticos para formação de novos profissionais, no Serviço de Orientação Profissional (SOP) da Universidade de São Paulo (USP).

Carvalho (1995) apud Sparta (2003) relata que este modelo de Orientação Profissional baseado na Psicologia Clínica, tem bases em teorias de dinâmica de grupo, algo semelhante à Terapia Breve Focal, cuja atenção é direcionada para a escolha profissional. No ano de 1993 foi criada a Associação Brasileira de Orientadores Profissionais (ABOP), com objetivo de promover simpósios nacionais e bienais, para que ocorra o desenvolvimento da Orientação Profissional no Brasil.

Os profissionais da Psicologia e Pedagogia podem realizar este tipo de trabalho, mas até o momento, ainda não existe regulamentação que determine conteúdos mínimos a serem ministrados. A formação é feita em cursos livres e sendo desta forma, impossibilita que a ABOP possa fazer uma fiscalização destas instituições em território nacional.

Para Lassance (1999), a base de um trabalho eficaz na formação de Orientadores, necessariamente requer uma gama imensa de variáveis a serem consideradas e as agências formadoras devem ter em mente as implicações de cada uma destas variáveis no processo integral. A Orientação Vocacional para os jovens é necessária para o auxílio na escolha de uma profissão, sendo que a mesma faz parte do desenvolvimento deste indivíduo diante de seus desafios, dificuldades e indecisões, cabendo ao profissional orientador contribuir e realizar intervenções da melhor forma possível.

3 PROCESSO DE ESCOLHA

Todas as pessoas um dia passam pela situação da escolha de uma carreira ou trabalho, mas isso não é algo muito simples. Fato é que as dúvidas serão sempre as mesmas: “O que fazer?”, “Será que fiz a escolha certa?”, “Devo escolher o que tenho facilidade em fazer?”

Essas são questões que todo adolescente passa quando está a caminho do mundo adulto, sempre preocupados em atender as expectativas de seus pais e pessoas próximas de sua convivência, deixando na maioria das vezes em segundo plano seus verdadeiros desejos.

Para Soares (2009, p. 27):

O momento da escolha é quando a gente pode olhar para trás e para a frente ao mesmo tempo, decidindo o caminho a seguir. Você está preocupado em decidir quem um dia será, quais são suas possibilidades, qual futuro você irá construir.

Para que possa ser realizada alguma escolha é necessário conhecer a si mesmo, isso implica reconhecer aquilo que fomos e somos, com seus acontecimentos e fatos importantes ocorridos durante a vida até o momento presente. As escolhas que realizamos durante a vida são as que constroem a nossa história. Saber “quem eu sou” é o mesmo pensamento do “quem eu serei”, pois, a diferença de ambos é a forma como agimos com o passar do tempo.

Ocorre que na maioria dos casos, o jovem toma a decisão em caráter de urgência, temendo perder o prazo de inscrição para o vestibular e/ou bolsas de estudo. O ideal seria que todo este processo pudesse ser realizado em forma de

projeto de médio prazo, com a integração de familiares e comunidade escolar, facilitando a decisão de um futuro desejado, recordando situações do passado (infância).

Soares (2009) adverte que todos os jovens ao qual não possui um projeto de vida, tornam-se vulneráveis por não encontrarem sentido nas coisas que realizam, buscando a compensação e resignificado através da transgressão e nas drogas. É fundamental que durante o processo de elaboração de projeto para o futuro, se pense em algo realizável e dentro da realidade em que o indivíduo vive.

3.1 Fatores que podem afetar na escolha

O exercício da escolha para o jovem na maioria das vezes é afetado pela falta de oportunidades reais, ou seja, ele pode não ter conhecimento de como se dão as relações de trabalho e sociais do meio em que vive. Sendo assim, as únicas influências utilizadas acabam sendo somente entre o meio familiar, a escola e os grupos sociais.

Para Soares (2002, p. 44) “a escolha está multi e sobre determinada pela família, pela estrutura educacional e pelos meios de comunicação em massa, como também pela estrutura dialética social e a estrutura dialética subjetiva.” Quando falamos da escolha propriamente dita, fica difícil não vincular a tomada de decisão sem observar o meio social no qual o indivíduo vive, pois esta é à base das ideias principais, onde servem de estímulo para que ocorram os processos de mudança e projeção para o futuro.

Soares (2002) cita seis fatores como os determinantes nas escolhas profissionais, que atuam juntos sempre de acordo com a realidade dos jovens: políticos, econômicos, sociais, educacionais, familiares e psicológicos. Os fatores políticos são direcionados ao posicionamento da política diante da educação de todas as bases (ensino médio, profissionalizante e universidade); Os fatores econômicos são referentes ao mercado de trabalho, informações sobre profissões, falta de emprego e planejamento econômico, etc. Os fatores sociais seriam referentes à divisão de classes sociais, a influência da sociedade na família e sua cultura; Os fatores educacionais são compreendidos como a falta de investimento em educação, onde os jovens estão com cada vez mais dificuldades em ingressar em universidades (tanto nas públicas quanto privadas); Os fatores familiares são da

busca por realizar as expectativas da família e de seus interesses pessoais, sendo supervalorizados suas ideologias e diferentes papéis profissionais; Os fatores psicológicos são referentes às habilidades e competências pessoais, motivações, interesses, compreensão e conscientização no qual o sujeito idealiza e do meio em que vive.

4 OS DESAFIOS

O processo de escolha profissional se inicia na infância, avançando até a idade adulta, no qual tem importante papel na formação de identidade do jovem, desenvolvendo a capacidade para lidar com as alterações nos contextos de vida.

Levenfus (2016) não menciona de forma genérica, mas confirma que a interação entre pais e filhos (influência parental), promovem a autonomia e responsabilização no processo de desenvolvimento na escolha da carreira de forma significativa. Ou seja, conforme os filhos vão demonstrando confiança na escolha, os pais tendem a fornecer o apoio sem necessariamente demonstrar entusiasmo.

Soares (2009) afirma que o processo de escolha compreende-se em três momentos: primeiro, de fantasia; segundo, de tentativa; o terceiro, de realista. O momento de fantasia ocorre em três etapas: entre os 4 e 6 anos, de 7 a 9 anos, e de 10 a 12 anos. Entre os 4 e 6 anos é quando a criança responde a famosa pergunta: “O que você vai ser quando crescer? ”, é quando a resposta baseia-se nas necessidades e desejos momentâneos, onde as satisfações são passageiras. Entre os 7 e 9 anos, as escolhas são realizadas de acordo com o sucesso e destaques oferecidos pelas carreiras.

Soares (2009) explica que entre os 10 e 12 anos, as escolhas começam a ganhar um pouco mais de forma, baseando-se na conscientização real de situação e sobre suas responsabilidades. O momento das tentativas ocorre dos 12 aos 17 anos, onde o adolescente começa a pensar em seus valores e capacidades para se basear em suas escolhas.

Soares (2009) relata que estes valores são referentes aos de sua família e meio social, experimentando-os para saber se podem ser aceitos ou mantidos, mesmo não tendo informações suficientes sobre o mundo do trabalho. O momento realista ocorre entre os 17 e 21 anos, fase na qual o jovem deveria ter um

conhecimento mais detalhado das profissões para começar a definir o que deseja e/ou as coisas que gosta de maneira exploratória.

Soares (2009) comenta sobre a importância de os jovens passarem por todas estas fases citadas anteriormente, para que possam ter um pouco mais de facilidade para realizar suas escolhas, apesar de existirem milhares de cursos de graduação oferecidos nas instituições de ensino superior pelo Brasil. A variedade de cursos é outro fator que também dificulta na escolha, pois por conta de inúmeras opções, muitas vezes o jovem deixa de estudar a profissão que realmente tem interesse por desconhecer o curso e suas chances de mercado de trabalho futuro.

Para Levenfus (2016), os adolescentes no século XXI enfrentam um desafio de entrar no mundo adulto, no qual necessitam lidar com os padrões de referência e modelos de ação diferentes dos seus, propiciando escolhas confusas e contraditórias. Na percepção dos pais e professores estes jovens não são mais vistos como as crianças obedientes de antes e por conta disso, querem que se comportem como adultos imediatamente, como se essa mudança ocorresse de um dia para o outro.

A escola, por exemplo, seria um local ideal para ser desenvolvido o processo de informação profissional no qual seus conteúdos aprendidos em sala de aula deveriam ter integração com o dia a dia dos alunos, integrando a teoria e a prática. Desta forma os jovens seriam estimulados a ficarem mais próximos da realidade e de suas necessidades.

Infelizmente, a maioria dos professores de ensino médio tem somente a preocupação em cumprir carga horária, sem sequer tentar auxiliar seus alunos na angústia das escolhas profissionais e qual vestibular fazer. Com todas essas dificuldades, os jovens demonstram sentimentos de insegurança, indecisão e dificuldades de traçar sua trajetória profissional e futura, escolhendo carreiras e profissões de maneira equivocada.

Segundo Levenfus (2016) o pensamento de alguns autores contemporâneos sobre o que é ser adolescente no século XXI, está sintetizado em cinco eixos: crise do mundo adulto; impulsividade e falta de limites; individualização da vida; multiplicidade de referências legitimadas; dificuldades de se projetar no futuro. Para Colello (2000) isso faz com que os jovens inseridos na sociedade tenham uma sensação de vazio desenvolvendo uma necessidade de prazer imediata, fragmentando os processos de informações dos meios de comunicação que muitas

vezes são manipuláveis sobre as questões da sociedade, dando falsas ideias sobre o processo de independência. As falsas ideias são referentes às questões estruturais da sociedade tais como o desemprego e a globalização, contrariando assim os objetivos idealizados anteriormente pelo adolescente.

Lassance (1999) salienta que o adolescente é inserido em uma cultura específica no qual busca uma identidade ainda desconhecida, e que também sofre dificuldades em ter que decidir de forma quase imediata, algo relacionado ao futuro e seu possível estilo de vida. Por conta de suas ansiedades e pressões vivenciadas dentro do núcleo familiar e social buscam soluções rápidas para tentar resolver suas questões, rejeitando palpites e demais sugestões que não tenham sido tomadas por eles próprios. Em alguns casos por conta da indecisão, também se deixam influenciar pela opinião alheia por medo de sentirem medo, solidão e incompreensão do meio em que vivem.

Levenfus (2016) afirma que a família tem grande participação na construção dos projetos profissionais dos adolescentes, pois são nestas relações estabelecidas que ocorrem as influências, a autoconfiança, valores, atitudes de trabalho, as aspirações e os planos futuros, onde o status socioeconômico dos pais/responsáveis também são impactantes no momento da escolha/decisão. Isso demonstra que os estilos parentais são os principais influenciadores na escolha da profissão.

Para Maccoby e Martin (1983) apud Levenfus (2016, p. 27):

A responsividade diz respeito às práticas educativas cujos componentes principais são o afeto, a compreensão, o apoio emocional e o desenvolvimento da autonomia. A combinação dessas duas dimensões constitui as quatro variações estilísticas, a saber, autoritativo (exigência e responsividade elevadas), autoritário (exigência elevada e responsividade reduzida), indulgente (exigência reduzida, responsividade elevada) e negligente (exigência e responsividade reduzidas).

Levenfus (2016) realiza um comparativo entre os quatro estilos parentais com a construção vocacional, que são: 1. Autoritativo/democrático: o jovem recebe muito apoio. Os pais/responsáveis dão total autonomia aos seus filhos, incentivando a assumir os compromissos e serem mais flexíveis nas negociações; é construída uma conduta empreendedora com responsabilidade social e assertividade, no qual o jovem consegue ter maior independência e comportamento exploratório; 2. Autoritário: jovem muito controlado, tem pouca autonomia e dificuldades para tomar decisões; pouca desenvoltura em sociedade; baixa autoestima, filhos submissos

com baixo empenho em conquistar seus objetivos; alto índice de depressão; inadequação entre o indivíduo e a carreira; 3. Indulgente/permissivo: o jovem recebe muito apoio, pois os pais o encorajam e confiam na capacidade de seus filhos; maior agressividade e problemas, baixo envolvimento escolar; 4. Negligente: os pais/responsáveis não são envolvidos na socialização dos filhos e com isso, os jovens tendem à manipulação do mundo exterior. Isso tem como consequência ao jovem um alto nível de ansiedade, dificuldade em estabelecer metas, baixa capacidades de escolha e exploração vocacional;

Lassance (1999) salienta que o adolescente não é um indivíduo em desenvolvimento para si, mas um ser contextualizado em relação aos âmbitos escolar, familiar e produtivo, sendo neste contexto que se dá a atividade em orientação profissional. Os jovens necessitam de auxílio na Orientação Profissional, para compreender a sua importância e valores em seu meio social, descobrir desejos, interesses, habilidades e que possam questionar os elementos mais significativos de sua vida.

Para Veisnten (1994) apud Lassance (1999), o vocacional sem o ocupacional é somente fantasia, sonho, esperança. O ocupacional sem o vocacional é alienação, automatização, fazer sem sentido.

5 DAS POSSIBILIDADES

A busca incansável por saber se determinado indivíduo possui vocação para algo ou alguma coisa, dá-se a ideia de que só é possível ser feliz após encontrá-la. Isso ocorre quando a maioria das pessoas confundem vocação com felicidade.

Soares (2009) explica que a vocação é algo maior que a profissão em si, sendo entendida como uma realização de determinado interesse, somando com a competência. A competência esta vinculada a possibilidade da pessoa ter capacidade e habilidade de desempenhar alguma tarefa. Portanto, o interesse e a competência são aspectos fundamentais na escolha da profissão, onde pode proporcionar ao individuo a oportunidade de levar uma vida profissional satisfatória.

Algo em comum sobre todos os autores pesquisados é o fato de reconhecer a deficiência dos professores das escolas de ensino médio, por não estimularem seus alunos a buscar informações sobre as informações, dando noções sobre a realidade

do mercado de trabalho e principalmente, falta de incentivo aos jovens a pensarem e problematizarem seu dia a dia no meio em que vivem.

Nas universidades a situação não é diferente, pois não existe uma ação institucional onde os alunos recebam algum tipo de suporte, pelo menos durante os três primeiros anos de estudos, de forma que esclareçam as dúvidas sobre o mercado de trabalho e amenizem a ansiedade dos mesmos. O que se vê hoje em dia são os jovens ingressando em um curso sem ter o mínimo de conhecimento do currículo, das habilidades, das áreas de atuação e formação necessária para bom desenvolvimento da profissão. Quando ingressam na prática de estágio, sofrem com as dificuldades de integrar toda a teoria aprendida com a prática a ser realizada.

Soares (2002, p. 62) comenta:

Quando refletimos sobre o significado de estar cursando uma universidade, fica claro o antagonismo entre ter condições para ser um profissional liberal e ser apenas um universitário. Muitas vezes a pessoa criativa e sensível é marginalizada na sala de aula por não aceitar o esquema proposto, enquanto outros, apenas decorando a matéria, mas incapazes de fazer qualquer relação entre os conteúdos, todavia com a entrega dos trabalhos em dia, são considerados bons alunos.

Para que possam visualizar as melhores possibilidades de escolha, é necessário proporcionar a estas jovens oportunidades de pensar em si mesmas e refletirem sobre seu dia a dia. Por conta disso, a busca por orientação profissional (OP) tem tido um grande crescimento, com objetivo de auxiliar as principais inquietações sobre a formação desses sujeitos.

O ato de reflexão sobre suas experiências passadas como em seu tempo de criança, suas brincadeiras preferidas, suas habilidades desenvolvidas e tentar lembrar o motivo porque parou de aplicá-las. Ao se questionar e relembrar sobre a infância, muitos indivíduos se surpreendem com as revelações e percepções de suas habilidades pessoais, direcionando-os para o autoconhecimento.

Lisboa e Soares (2017) compreendem que a função de um orientador profissional é de facilitador da escolha de uma carreira, reformulando novas perspectivas ocupacionais. Este trabalho pode ser realizado em consultórios psicológicos ou em instituições que prestam este tipo de serviço (universidades, fundações educacionais e serviços de atendimento a comunidade), onde são desenvolvidos individualmente ou em pequenos grupos. Portanto, a identidade profissional é construída por meio da identidade pessoal, assim como o projeto profissional compreende uma parte do projeto de vida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve por objetivo investigar sobre os desafios e possibilidades da Orientação Profissional. Podemos compreender conforme Levenfus (2016), que o trabalho de orientação profissional não ocorre somente com o orientador e o adolescente, mas também com a colaboração dos pais em atividades diretas, proporcionando contatos e experiências ao longo do processo de facilitação da escolha.

Soares (2009) reforça que o orientador jamais irá descobrir vocações escondidas ou qual melhor profissão a seguir. Ele será apenas o responsável pelo desenvolvimento do trabalho de autoconhecimento, trazendo o indivíduo à reflexão.

A partir dos relatos realizados pelos autores, é possível concluir que a melhor forma de auxiliar os jovens na escolha profissional seria através de trabalhos em grupo. Desta forma, as pessoas têm a oportunidade de trocar ideias com seus colegas, que estão passando pelo mesmo sentimento de indefinição.

Neste trabalho não foram investigadas as técnicas realizadas durante os trabalhos de orientação profissional, pois cada autor se dispõe de técnicas diferentes para auxiliar o indivíduo a pensar, questionar, discutir sobre a realidade do mundo do trabalho, valores, interesses, motivações, condições sociais, políticas e econômicas que os cercam.

As identificações com o grupo familiar e o valor que as profissões assumem, influenciam o jovem. Grande parte das escolhas inclui a representação social da profissão exercida pelos pais, seja ela negativa ou positiva, no qual esta relação faz com que o filho se identifique com os familiares (SOARES, 2002).

Nas instituições de ensino superior, as dificuldades de escolha são visíveis pela quantidade de ofertas existentes e por pessoas que escolheram inicialmente uma graduação e vagam de um curso para outro, deixando matrículas em aberto e até mesmo abandonando a instituição, sem ao menos ter recebido o diploma.

Com as descrições das leituras citadas neste artigo, foi possível verificar o quanto o acolhimento e escuta continua são a forma mais benéfica e útil para o auxílio na escolha de uma profissão. As pessoas não deveriam se preocupar somente em conquistar um diploma, mas sim em encontrar outras formas de trabalho de acordo com seus interesses e possibilidades. Somente desta forma o indivíduo pode encontrar satisfação e realização nas atividades realizadas, além de uma melhor qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

COLELLO, Solange. O adolescente e a escolha profissional. **Interações**, São Paulo, v. 5, n. 9, jan-jun, 2000, p. 111-125. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/354/35450909.pdf>>. Acesso em: 20 out 2018.

LASSANCE, Maria Célia Pacheco. Reflexões em defesa da teoria na prática da OP. **Revista ABOP**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 69-76, jun. 1999. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-88891999000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 nov. 2018.

LEVENFUS, Rosane Schotgues. **Orientação vocacional e de carreira em contextos clínicos e educativos**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

LISBOA, Marilu Diez; SOARES, Dulce Helena Penna. **Orientação profissional em ação: formação e prática de orientadores**. São Paulo: Summus, 2017.

SOARES, Dulce Helena Penna. **O que é a escolha profissional**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

SOARES, Dulce Helena Penna. **A escolha profissional do jovem ao adulto**. São Paulo: Summus, 2002

SOLER, Edelson. Breve história da orientação profissional. **Blog serviço de psicologia e orientação do agrupamento de Escolas Luisa Todi**. c2015. Disponível em: <<https://spoavelt.wordpress.com/2015/07/28/breve-historia-da-orientacao-profissional/>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

SPARTA, Mônica. O desenvolvimento da orientação profissional no Brasil. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 1-11, dez. 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902003000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 nov. 2018.

SPARTA, Mônica; BARDAGI, Marúcia Patta; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira. Modelos e instrumentos de avaliação em orientação profissional: perspectiva histórica e situação no Brasil. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 19-32, dez. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902006000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 jun 2019.